

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

ADRIELE CARVALHO DE MATOS

**ANÁLISE DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO CONTEÚDO DO
“JORNAL DA CULTURA”**

CURITIBA
2016

ADRIELE CARVALHO DE MATOS

**ANÁLISE DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO CONTEÚDO
DO “JORNAL DA CULTURA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo ao Centro Universitário Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Ms Alessandra Lemos

CURITIBA

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela minha vocação e por seu cuidado de pai em todas as instâncias da minha vida.

Agradeço à minha mãe Norma Sueli, pelo apoio incondicional nestes quatro anos, a meu pai Geraldo Matos, por sempre me incentivar e principalmente por me conceder a oportunidade de estudar.

Agradeço ao Warlisson pela sua compreensão e por sempre dividir comigo os momentos bons e os difíceis.

Agradeço à minha orientadora Alessandra Lemos pela paciência e dedicação em seu trabalho e também aos demais professores do curso, pela amizade e ensinamentos.

Agradeço aos amigos da Comunidade Católica Shalom e por último em especial Raissa, Kelly e Daiane que contribuíram para a finalização deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo trata dos gêneros jornalísticos informativo, interpretativo e opinativo aplicados ao “Jornal da Cultura”. A pesquisa busca identificar os formatos mais utilizados no telejornal por meio de uma Análise do Conteúdo de edições selecionadas. Baseado no estudo bibliográfico de estudiosos do tema no Brasil, como Luiz Beltrão (1980), Marques de Melo (2010) e Guilherme Jorge Rezende (2010), este trabalho identifica de forma quantitativa, por meio da cronometragem do tempo dedicado a cada gênero, que o interpretativo predomina, principalmente pela análise de especialistas convidados no estúdio. Já em relação à quantidade de inserções, prevalece o gênero informativo, que aparece por meio de notas, notícias e reportagens.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros jornalísticos; Telejornalismo; Jornal da Cultura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Comentaristas	10
Quadro 2 – Categorização de Classificações de Gêneros Jornalísticos	12
Quadro 3 – Classificações de Gêneros dos autores Beltrão e Melo	17
Quadro 4 – Formatos do Jornalismo Informativo	20
Quadro 5 – Classificações do Jornalismo Informativo	22
Quadro 6 – Formatos do Jornalismo Opinativo	23
Quadro 7 – Formatos do Jornalismo Interpretativo	27
Imagem 1 – Logo marca atualmente utilizada no Jornal da Cultura	31
Quadro 8 – Categoria de Análise adaptado pela Autora	33
Imagem 2 – Âncora Willian Corrêa e os comentaristas Airton Soares e Marco Antônio Vila.....	34
Imagem 3 – Âncora Willian Corrêa e os comentaristas José Vicente e Luiz Flávio Gomes	37
Imagem 4 – Âncora Willian Corrêa e os comentaristas Arnaldo Lichtenstein e Luiz Felipe Pondé.....	39
Imagem 5 – Âncora Willian Corrêa os comentaristas Galdêncio Torquato e Roberto Delmanto Júnior.....	41
Imagem 6– Âncora Willian Corrêa e os comentaristas Luiz Felipe Pondé e Ricardo Sennes.....	43
Imagem 7– Âncora Márcia Bongiovanni e o convidado Mansur Bassit	44
Quadro 9 – Contagem das 5 Edições analisadas no Jornal da Cultura	46
Gráfico 1 – Gêneros Jornalísticos do Jornal da Cultura	47
Quadro 10 – Contagem da edição apresentada no sábado no Jornal da Cultura ...	47
Gráfico 2 – Gêneros Jornalísticos na edição 03/09/2016	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Edição 25/07/2016	35
Tabela 2 – Edição 02/08/2016	37
Tabela 3 – Edição 10/08/2016	38
Tabela 4 – Edição 18/08/2016	40
Tabela 5 – Edição 26/08/2016	42
Tabela 6 – Edição 03/09/2016	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	9
3 GÊNEROS JORNALÍSTICOS: CLASSIFICAÇÕES	16
3.1 JORNALISMO INFORMATIVO	18
3.1.1 GÊNERO INFORMATIVO NO TELEJORNALISMO	19
3.2 JORNALISMO OPINATIVO.....	22
3.2.1 GÊNERO OPINATIVO NO TELEJORNALISMO.....	24
3.3 JORNALISMO INTERPRETATIVO.....	26
3.2.1 GÊNERO INTERPRETATIVO NO TELEJORNALISMO	28
4 TV CULTURA	30
4.1 JORNAL DA CULTURA	31
5 ANÁLISE DE CONTEÚDO	33
5.1 RESULTADOS GERAIS.....	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	55

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata dos gêneros jornalísticos e seus conceitos aplicados ao telejornalismo, mais precisamente, o Jornal da Cultura, telejornal selecionado para análise. Cada gênero se refere a uma classificação de tipos de textos e abordagem do material jornalístico. As diferentes teorias que abordam o assunto se diferem de acordo com seu contexto histórico e a análise das características e formatos. Os principais gêneros que serão estudados nesta monografia são: informativo, interpretativo e opinativo.

Este telejornal foi escolhido para a realização da pesquisa, pois pertence à emissora da TV pública, cujo nome é Educativa e por ter um cunho cultural. Os autores mais citados sobre o assunto são José Marques de Melo (2003) e Luiz Beltrão (1980). Porém seus estudos se aplicam, em geral, ao jornalismo impresso. Já neste estudo, como adiantado, busca-se relacionar essas teorias ao jornalismo de televisão.

Em resumo, esses estudiosos indicam que o jornalismo informativo apresenta de forma direta o fato, com textos mais curtos, sem grande aprofundamento no relato dos acontecimentos. Já o jornalismo opinativo, como o nome diz, está ligado à opinião do jornalista expressa no texto.

Em relação ao jornalismo interpretativo, os dois autores divergem sobre o conceito. Melo (2010) não separa o interpretativo como um gênero único, mas a alternância entre o gênero informativo e opinativo. No entanto, para Beltrão (1980), um dos precursores no estudo de gêneros jornalísticos no Brasil, o interpretativo é autônomo e tem como característica o aprofundamento dos fatos, buscando mostrar suas origens e desdobramentos.

No Jornal da Cultura, produzido pela TV Cultura em São Paulo, foi feita a análise para verificar os gêneros ali presentes, como se evidenciam e qual deles prevalece. O telejornal teve início no dia 1º de agosto de 1986 pelo comando de Carlos Nascimento. Atualmente, Willian Corrêa é o apresentador nessa emissora pública.

O programa tem uma média de 55 minutos e o âncora¹ do jornal apresenta o telejornal com a participação de convidados especializados nos assuntos presentes

¹ O âncora é quem apresenta, acompanha e participa do processo de produção do telejornal em todas as suas etapas. (BARBEIRO E LIMA, 2002, p.78).

das pautas da redação diária. Após a veiculação de cada notícia apresentada, há um debate com os convidados, a fim de discutir sob um contexto mais amplo a informação transmitida. Essa intermediação é feita no próprio estúdio do jornal, em tempo real.

A partir da pesquisa bibliográfica a respeito dos principais gêneros jornalísticos, o tema central desta pesquisa foi: Como é distribuído o conteúdo jornalístico no telejornal “Jornal da Cultura” (Quanto a gênero)? Para responder esta pergunta, que é o objetivo geral da pesquisa, buscou-se de maneira específica, identificar quais características do jornal indicam cada gênero: informativo, opinativo ou interpretativo e após identificar seu formato de acordo com cada gênero analisado.

A pesquisa partiu da hipótese de que o gênero jornalístico que mais se evidencia no Jornal da Cultura é o gênero interpretativo, e que as notícias são mais detalhadas, mostrando seu contexto social em um espaço de tempo maior. Tal pressuposto se deve ao fato de o Jornal da Cultura fazer parte de uma emissora de caráter educativa e pública, o que o diferencia em relação às emissoras comerciais. A hipótese se confirma ao longo do estudo que será em seguida detalhado.

Estudar os gêneros jornalísticos e saber diferenciá-los é importante, pois é assim que os jornalistas irão identificar o conteúdo e a forma como foi feito. Logo poderão ter uma compreensão maior da notícia e a própria opinião. No entanto, este trabalho se justifica não apenas em relação aos telespectadores, mas principalmente os jornalistas que poderão utilizar este estudo para saber classificar os gêneros aplicados ao telejornalismo, visto que há poucos estudos publicados sob esse viés.

Este trabalho foi dividido especificamente em um capítulo que tratará os conhecimentos de gêneros jornalísticos e suas classificações voltadas ao telejornalismo e outro capítulo dedicado à história da emissora e linha editorial do Jornal da Cultura. Em seguida, serão apresentados os resultados da análise.

2 METODOLOGIA

A pesquisa tem o objetivo de analisar o telejornal da emissora Cultura, a fim de identificar os gêneros jornalísticos presentes. Para chegar a esse resultado, foi necessário desenvolver um estudo de caso a partir de pesquisa quantitativa. Antecedendo esta etapa, a pesquisa bibliográfica contribuiu para o conhecimento pleno da fundamentação teórica e criação das categorias de análise, presente neste trabalho de conclusão de curso.

Antônio Carlos Gil (2002) define a pesquisa como “procedimento racional e sistemático que tem como o objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, p.17). A pesquisa bibliográfica, segundo o autor, é desenvolvida de acordo com o material já existente como os livros e artigos científicos. A partir destas fontes o processo de elaboração da pesquisa bibliográfica, ou estudo exploratório, como também é chamado pelo autor, pode ser iniciado. As fontes bibliográficas são classificadas em várias separações, como à pesquisa em impressos, livros e publicações periódicas. (GIL, 2002, p.44).

Para desenvolver a pesquisa bibliográfica do presente tema, recorreremos às fontes bibliográficas de livros e publicações periódicas a fim de aprofundar os conhecimentos em estudos já existentes sobre este tema, relacionando os com a análise proposta. Para isso é relevante descrever, segundo o autor, as principais características destas classificações de fontes. Entre eles, estão José Marques de Melo (2003) e Luiz Beltrão (1980) que estudam o conceito de gêneros jornalísticos e suas classificações. Já no telejornalismo, temos como autores principais Ciro Marcondes Filho (2002), Herótodo Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2002) e no Jornal da Cultura, Guilherme Jorge de Rezende (2002), que traz seus estudos sobre a emissora.

Ao avançarmos para a segunda parte da pesquisa, que é o estudo de caso, foi utilizada a Análise de Conteúdo, de acordo com o conceito da autora Laurence Bardin (1977), relacionada à pesquisa quantitativa. A elaboração da pesquisa partiu de uma coleta de dados que foram analisados por meio estatístico. A autora ressalta que a análise quantitativa é mais exata devido à observação dos dados, pois são melhor controlados e é importante para a verificação das hipóteses. (BARDIN,1977, p.115).

A organização da análise foi feita em três pontos diferentes que são eles

“pré-análise; exploração do material; tratamentos dos resultados, a interferência e a interpretação”. (BARDIN, 1977, p. 95). No primeiro item sobre a organização da análise, efetuamos a escolha dos telejornais. Os outros itens foram à formulação das hipóteses e objetivos para a criação de indicadores.

Ao total foram 6 edições analisadas, de segunda à sábado no intervalo de tempo de uma semana entre um jornal e outro. Porém, verificado que o telejornal de sábado apresenta somente o formato informativo, com o tempo de duração bem menor que o telejornal apresentado durante a semana. Desta forma, a fim de não influenciar no resultado de tempo de reportagens informativa e interpretativa e suas classificações, foram considerados separadamente os resultados da pesquisa.

Os telejornais que apresentam de segunda à sexta-feira foram considerados interpretativos e informativos diferentemente do telejornal que se apresenta no sábado, pois tem o formato somente informativo. Ressaltamos que foi efetuada somente a análise das reportagens e comentários dos convidados no estúdio, sendo desconsiderados os tempos de vinheta, chamadas das matérias, chamadas de bloco e comentários dos telespectadores.

O Jornal da Cultura é apresentado pelo jornalista Willian Corrêa e seus convidados permanecem na bancada ao lado do âncora do início ao fim da apresentação do telejornal. Após cada reportagem, há um momento de análise do tema pautado na notícia. Algumas reportagens não foram comentadas.

Conforme a análise, verificamos que na maioria das 5 edições os comentaristas são fixos, alternando apenas o dia entre um e outro, exceto a edição de sábado que conta com o entrevistado. Segue abaixo o quadro com a listagem dos comentaristas e entrevistado presente nas edições analisadas.

Quadro 1- Comentaristas

(Continua)

Data da Edição Analisada	Âncora	Convidados	Formação ou Atuação
25/07/2016 Segunda -feira	Willian Corrêa	Airton Soares	Advogado e Ex Deputado Federal
		Marco Antônio Villa	Historiador

Quadro 1- Comentaristas

(Conclusão)

Data da Edição Analisada	Âncora	Convidados	Formação ou Atuação
02/08/2016 Terça-feira	Willian Corrêa	José Vicente	Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares
		Luiz Flávio Gomez	Jurista
10/08/2016 Quarta-feira	Willian Corrêa	Luiz Felipe Pondé	Filósofo
		Arnaldo Lichtenstein	Diretor Técnico HC/SP
18/08/2016 Quinta-feira	Willian Corrêa	Galdêncio Torquato	Consultor Político
		Roberto Delmanto Júnior	Advogado Criminalista
26/08/2016 Sexta-feira	Willian Corrêa	Luiz Felipe Pondé	Filósofo
		Ricardo Sennes	Coord. Grupo de Análise Internacional/USP
03/09/2016 Sábado	Márcia Bongiovanni	Mansur Bassit	Diretor Executivo da Câmara Brasileira do Livro

Fonte: Autora (2016).

Em relação às classificações presentes no gênero informativo no telejornalismo, este estudo optou por unir os indicadores de análise “nota” e “notícia”, pois as definições dos autores Barbeiro e Lima (2002) e Rezende (2010) se assemelhavam nos dois conceitos.

Já em relação à classificação “reportagem”, enquadrou-se reportagem, no sentido de matéria, no jargão jornalístico, como gênero informativo. Nesse caso, o repórter participa, porém, o conteúdo tem dados mais diretos do ocorrido, como o chamado *lead e sublead*. Já quando a reportagem traz os desdobramentos do tema, com análise de especialistas sobre o fato que está sendo noticiado, será considerado “grande reportagem” e classificado como gênero interpretado.

Na parte do debate em estúdio, mais propriamente no momento em que os comentaristas estão analisando as notícias e fazendo seus comentários, quando a

análise vem do jornalista será classificado como opinativo. Quando a análise vem da fonte (convidados no estúdio, ainda que comentaristas fixos) será classificado como interpretativo, embora eles expressem de forma clara suas opiniões sobre os fatos analisados, a interpretação da notícia se desdobrará no fato de que são especialistas comentando as notícias de acordo com as relações do fato no momento histórico e atual.

A próxima etapa da pesquisa foi à categorização. Segundo a autora, é a fase em que os elementos são classificados por diferenciação ou analogia de acordo com critérios previamente estabelecidos. A categorização é um processo separado em duas partes: “isolar elementos [...], repartir elementos [...] e, portanto, procurar ou impor uma certa organização às mensagens”. (BARDIN, 1977, p.118). Esta separação foi dividido por caixas, segundo a autora é a repartição dos elementos de acordo com a categoria que melhor se enquadra. (BARDIN, 1977, p.118-119).

Quadro 2 – Categorização de Classificações de Gêneros Jornalísticos

(Continua)

Objetivo geral	Objetivo específico	Indicador de análise	Questões de pesquisa	Autor base
Traçar um panorama a fim de identificar o formato do telejornal e classificá-lo de acordo com o seu gênero jornalístico.	Classificar o gênero informativo	Nota / Notícia	A notícia é lida pelo apresentador com ou sem presença de imagens?	Barbeiro e Lima (2002) Rezende (2010)
		Reportagem	Busca vários aspectos na construção da reportagem como respostas curtas no vídeo e som ambiente?	Barbeiro e Lima (2002)
	Classificar o gênero opinativo	Editorial	Há um posicionamento ideológico do veículo de comunicação (TV Cultura) nas notícias?	Bistane e Bacellar (2005)

Quadro 2 – Categorização de Classificações de Gêneros Jornalísticos

(Continua)

Objetivo geral	Objetivo específico	Indicador de análise	Questões de pesquisa	Autor base
Traçar um panorama a fim de identificar o formato do telejornal e classificá-lo de acordo com o seu gênero jornalístico.	Classificar o gênero opinativo	Comentário	Nas falas do âncora há o intuito de complementar, esclarecer, fatos, analisar e interpretar a notícia?	Rezende (2010)
		Resenha	Há reportagens que apreciam uma obra ou faz uma crítica estética com a finalidade de orientar seus consumidores?	Marques de Melo (2003)
		Coluna	Insinua fatos, lança ideias e sugere situações com finalidade de avaliar as repercussões?	Marques de Melo (2003)
		Crônica	Há presença de uma narrativa mais despojada, sobre assuntos cotidianos em aspectos mais alegres ou tristes?	Schneider (2012)
	Classificar o gênero interpretativo	Perfil	Há relato biográfico a respeito de uma personalidade ou local importante?	Paternostro (1999)
		Cronologia	É utilizado gráficos ou ilustrações que permite a melhor compreensão pelo receptor?	Paternostro (1999)
		Grande Reportagem	Tem o intuito de revelar algo que até então estava escondido?	Carvalho et al (2010)

Quadro 2 – Categorização de Classificações de Gêneros Jornalísticos

(Conclusão)

Objetivo geral	Objetivo específico	Indicador de análise	Questões de pesquisa	Autor base
Traçar um panorama a fim de identificar o formato do telejornal e classificá-lo de acordo com o seu gênero jornalístico.	Classificar o gênero interpretativo	Entrevista em Estúdio	Os entrevistados no telejornal apresentam conhecimento, fatos e opinião?	Barbeiro e Lima (2002)
		Análise em Estúdio	A informação é analisada com dados complementares a qual o leitor possa ter uma compreensão maior?	DIAS et al (1998) apud COSTA (2010) e PASSINI LUCHT (2010)

Fonte: Autora (2016).

Então foi criada uma classificação reunindo grupos de elementos que definam os gêneros informativo, opinativo e interpretativo e suas classificações com base no método de categorização em caixas. O quadro de nº 1 que é a categorização dos gêneros jornalísticos norteia a objetividade da pesquisa definindo cada autor a ser utilizado nas situações específicas apresentadas, resumindo em suas características importantes do gênero informativo, opinativo e interpretativo. Com base dos estudos do autor, foram utilizadas as hipóteses apresentadas em forma de perguntas de acordo com o gênero descrito na coluna para embasamento do questionário.

Em seguida, foi realizado a classificação. Após a análise de cada reportagem, baseada nos indicadores de análises, classificado entre o gênero informativo, opinativo ou interpretativo de acordo com as características presentes no vídeo e também classificando o formato.

Na última etapa, foi realizada a análise do material coletado. Nesta fase, a autora ressalta que os resultados poderão ser tratados como significativo estatístico simples que é em percentagens, e também estatística mais complexa como análise fatorial. Os mesmos podem fornecer quadros, diagramas entre outros, a fim de ressaltar a informação. (1977, p.101). Desta forma, cada reportagem foi

cronometrada e marcada pontualmente em uma tabela que traz as informações da data da edição, comentaristas e duração.

Ao final das análises, realizado a somatória do tempo de cada reportagem dos gêneros e suas classificações e tabulado os dados respondendo às hipóteses.

3 GÊNEROS JORNALÍSTICOS: CLASSIFICAÇÕES

Para compreender melhor os estudos sobre gêneros jornalísticos, será realizado neste capítulo uma contextualização histórica do surgimento de gêneros jornalísticos e suas divisões, as principais teorias do gênero informativo, opinativo e interpretativo e sua definição aplicada ao telejornalismo. Essa pesquisa bibliográfica foi utilizada como base para a aplicação da Análise de Conteúdo do telejornal da TV Cultura, pois trazem características importantes de cada gênero a serem verificadas no telejornal.

No Brasil, os dois autores mais conhecidos por estudos e pesquisas sobre gêneros jornalísticos são Luiz Beltrão (1969) e José Marques de Melo (2000). Visto que são os estudiosos que mais se aprofundaram no tema, foram base para definição das categorias de alta análise nos assuntos de gêneros jornalísticos, classificações e categorias de análise.

Segundo Lia Seixas (2009) o primeiro estudo sobre gêneros jornalísticos nasceu na Europa em 1950, quando foram realizadas as primeiras pesquisas na área do Jornalismo. Isso aconteceu devido ao surgimento de novas disciplinas da Universidade de Navarra. Os estudos surgiram da necessidade de separar conteúdos apresentados em forma de textos. (SEIXAS, 2009, p.48).

Já para Felipe Pena (2008), a definição de gêneros começou na Grécia Antiga, por Platão, há mais de 3.000 mil anos, quando se estudava a relação entre Literatura e a realidade. A partir de então, o estudo sobre gêneros no campo literário se aprofundou a tal modo de trazer coerência aos textos. Como exemplo a divisão do gênero de Literatura, poesia e prosa. No campo jornalístico, o autor esclarece que essa separação de gêneros ocorreu mais tarde, no século XVIII, pelo inglês Samuel Buckeley, quando começou a classificar os conteúdos do jornal *Daily Courant* em notícias e comentários. (PENA, 2008, p. 66).

Segundo Halliki Harro (apud COSTA; 2010, p.44), os gêneros são distinguidos por nomes genéricos, os quais podem ser chamados de títulos, que é a notícia, coluna, entrevista e etc., e seus traços de textos são bem específicos. No entanto, Pena (2008), afirma de uma maneira simples que a questão de gêneros trata basicamente de ordenações e classificações a qual seu objetivo é estudar estratégias do discurso, funções, utilidade e outros discursos. (PENA, 2008, p.66).

No Brasil, as primeiras obras sobre gêneros jornalísticos são da década de

1960 com Luiz Beltrão (1969, 1976 e 1980) com as obras *A imprensa informativa, Jornalismo interpretativo e Jornalismo opinativo*. Nesta época, Beltrão já afirmava que o jornalismo se baseava nestas três categorias: informativa, interpretativa e opinativa. O autor que deu sequência a esta produção, como antecipado, é José Marques de Melo (2000), com seu livro *Jornalismo opinativo*.

Melo (2003) divide o jornalismo em cinco gêneros, que são eles: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário e levanta sua própria questão, que é: até que ponto o jornalismo informativo “informa” e o opinativo “opina”? (MELO, apud COSTA, 2010, p.43). Segundo o autor, não foi encontrada uma resposta para o dilema, pela possibilidade da unidade textual carregar em si mais de um propósito comunicativo. Porém, o estudioso argumenta a razão da utilização das expressões que definem gêneros. Uma delas acontece no ambiente acadêmico, pois consideram como instrumentos pedagógicos para o ensino e aprendizagem do curso de Jornalismo. (COSTA, 2010, p.43).

Quadro 3 – Classificações de Gêneros dos autores Beltrão e Melo

Gênero	Luiz Beltrão (1969)	José Marques de Melo (1985)
Informativo	Notícia Reportagem História de interesse humano Informação pela imagem	Nota Notícia Reportagem Entrevista
Interpretativo	Reportagem em profundidade	
Opinativo	Editorial Artigo Crônica Opinião Ilustrada Opinião do leitor	Editorial Artigo Resenha Coluna Crônica Caricatura Carta

Fonte: Beltrão (1969) e Melo (1985)

Embora Melo (1985) tenha sido o discípulo de Beltrão (1969), seus estudos e pesquisas caminham à rumos diferentes. Beltrão segue uma linha de estudo que defende que o gênero interpretativo é autônomo, como a grande reportagem. Já Melo (1985) segue sua análise na vertente em que o jornalismo interpretativo não é considerado como gênero autônomo, pois tem as características presentes do

jornalismo informativo e opinativo. Sendo assim, a classificação desses autores se difere.

3.1 JORNALISMO INFORMATIVO

Para ter uma maior compreensão do que é o gênero informativo, nesta etapa, serão abordados os aspectos importantes deste gênero, que o fazem ser mais objetivo. Outros estudos, como a pirâmide invertida, lead, objetividade x subjetividade, a utilização da chamada *Penny Press*², estão relacionados com a construção deste gênero jornalístico.

As mudanças tecnológicas foi um dos acontecimentos que mudou a rotina de muitas famílias do século XIX e que também se faz presente no campo jornalístico. Para Nelson Traquina (2005, p. 53), a pressão das horas para o fechamento das matérias, trouxe o imediatismo e a transmissão direta do acontecimento. A partir de então, o Jornalismo se recria em um novo tempo onde se permite que os jornais funcionassem em tempo real. As notícias são mais voltadas para o acontecimento e superficiais, características do gênero informativo. Segundo Traquina (2005, p.59), atualmente, as notícias são “empacotamentos”, pois tratadas como produtos utilizam da teoria da pirâmide invertida e *lead*, que são notícias rápidas que informam o quê, quem, quando, onde, como e por quê.

Pena (2008) esclarece que o *lead* é um relato do acontecimento logo no começo do texto. Estas seis perguntas ainda têm o objetivo de responder ao leitor o presente fato e também têm importantes funções como resumir a história. (PENA, p.42-43). Entende-se que a objetividade está presente nas matérias jornalísticas com a abertura do lead. Pena (2008) relata o poder da objetividade: “é definida em oposição à subjetividade, o que é um grande erro, pois ela surge não para negá-la, mas sim por reconhecer a sua inevitabilidade”. (FELIPE PENA, 2008, p. 50).

A objetividade então se destaca, pois, os fatos são construídos a partir da visão de mundo e interpretação de cada indivíduo e para que suas ideologias não ficassem muito à mostra. Cria-se, então, uma nova metodologia no trabalho jornalístico, sem opinião, enquadra-se no gênero informativo.

²O conceito de *Penny Press* surgiu nos Estados Unidos, com a criação de grandes jornais noticiosos com baixo custo, direcionado para pessoas comuns (Um novo modelo de jornalismo que atendesse todas as classes sociais). Famoso pelo preço de 1 centavo de dólar por jornal. (TRAQUINA, 2005, p.50).

Traquina (2005) ressalta que a separação do jornalismo informativo e opinativo se deu primeiramente com a chamada *Penny Press*, que passa a ser um marco na história do jornalismo, em que jornais eram vendidos por o preço de um centavo de dólar, aumentando então, o número de leitores de qualquer tipo de classe social. O objetivo era ampliar a circulação de vendas, contribuindo para os fatores de um público mais generalizado e menos homogêneo. A consequência disso, segundo Traquina, (2005), é que surge um novo jornalismo: “que privilegia informação e não propaganda, distinção que era vista como pressupondo um novo conceito de notícia onde existiria a separação entre fatos e opiniões”, (TRAQUINA, 2005, p.50-51).

O jornalismo informativo se baseia na “reprodução do real”, a qual se atribui nesta narrativa a imparcialidade, a veracidade e a objetividade (LAGE apud COSTA; 2010, p.48). Melo (2003) defende que o jornalismo informativo é o conjunto entre a articulação do ponto de vista processual e o acontecimento, que, por meio do relato do jornalista, visa informar o receptor da mensagem, sobre o que se passa na realidade.

3.1.1 GÊNERO INFORMATIVO NO TELEJORNALISMO

Nesta etapa, busca-se aplicar os conceitos de gênero informativo ao telejornalismo, o que será base para posteriormente a, Análise do Conteúdo do Jornal da Cultura. Ciro Marcondes Filho (2000), em seu estudo sobre os paradigmas do telejornalismo, identificou que os telejornais se comparam a um modelo esportivo de noticiário, pois as informações são rápidas, o apresentador não interrompe o momento em que as imagens estiverem passando, segundo ele é como se o telespectador estivesse assistindo um filme.

Sua preocupação é que acabe desaparecendo o sentido de questionar os fatos, o que é fundamental para o processo de formação de opinião. Desse modo, pode-se verificar que o autor atribui ao telejornalismo um caráter mais informativo.

A rapidez exige decisões instantâneas, separação imediata do material, triagem, informações básicas [...] jornalistas tornam-se assim, funcionários de uma linha de montagem acelerada”. (MARCONDES, 2002, p.81).

Desse modo, José Carlos Aronchi de Souza (2004) também busca

categorizar os programas televisivos, separando-os em programas de entretenimento, publicitários, educativos e informativos. O que este autor denomina “informativo” são todos os gêneros jornalísticos, diferente dos conceitos de Melo (2000) e Beltrão (1965). Para ele, são informativos todos os formatos do jornalismo televisivo.

Souza (2004) define dentro da categoria de programas informativos o debate, documentário, entrevista e telejornal. Segundo o autor, o telejornalismo apresenta suas próprias características, ou seja, um apresentador no estúdio, recursos tecnológicos, mas esta característica já buscou se aprimorar em outros formatos como o debate e a entrevista mediados pelo apresentador. Souza (2004) ressalta que, no próprio gênero de telejornalismo, há outros formatos que são reconhecidos como gêneros devido à sua importância:

Os programas de debate ou entrevista (*Opinião Nacional*, da Cultura) e os documentários (*Globo Repórter*, da Globo, e *SBT Repórter*, do SBT) são formatos que pertencem ao telejornalismo produzidos pelas emissoras, porém se tornam gêneros dado pelo *status* que alcançaram com a audiência. Analisando o conteúdo dos telejornais brasileiros, temos a seguinte identificação de formatos: nota, reportagem, entrevista, indicadores econômicos, editorial, comentário e crônica. A pitada de humor fica com as charges animadas de cunho político. (SOUZA, 2004, p.153)

Guilherme Jorge de Rezende (2000) ressalta que não se pode definir rigorosamente limites entre o formato do gênero informativo e opinativo, pois ambos se complementam e um não anula o outro. Porém, ressalta que é possível efetuar a classificação destes dois gêneros presentes no telejornalismo. Uma das formas de categorização foi proposta por Melo (1985).

Quadro 4 – Formatos do Jornalismo Informativo

(Continua)

Formato	Definição
Nota	<ul style="list-style-type: none"> • Relato de acontecimento que está em processo de configuração. • Nem todos os elementos da notícia (Ação; Agente; Tempo; Lugar; Modo e Motivo) são conhecidos. • Trata-se de um “furo”: antecipação de um fato que pode gerar notícia. • Nutre-se dos boletins informativos difundidos pelas fontes. • É mais usado no telejornalismo quando uma notícia é lida pelo apresentador com ou sem a presença de imagens.

Quadro 7 – Formatos do Jornalismo Informativo

(Conclusão)

Formato	Definição
Notícia	<ul style="list-style-type: none"> • Relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. • Contém necessariamente respostas às perguntas do lead (Que + Quem + Quando + Como + Onde + Por quê). • Narrado em “pirâmide invertida”, compõe-se duas partes: “cabeça” (lead) e “corpo” (body). • No telejornalismo a “cabeça” é feita pelo apresentador e o “corpo”, pelo repórter.
Reportagem	<ul style="list-style-type: none"> • Relato ampliado de acontecimento que produziu impacto no organismo social (desdobramentos, antecedentes ou ingredientes noticiosos). • Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público que exigem descrições do repórter sobre o “modo”, o “lugar” e “tempo”, além da captação das “versões” dos agentes”. • De autoria originalmente individual, esse formato converteu-se em trabalho de equipe.

Fonte: Melo (2006) apud Costa (2010) adaptado pela autora

Conforme pode se notar no quadro acima, estas são as classificações propostas por Melo (1985) aplicados ao gênero informativo impresso. Porém, no telejornalismo, não são todas as categorias utilizadas, visto que o telejornal tem sua própria característica (REZENDE, 2000, p. 298). Desta forma, serão brevemente explicados os formatos do gênero informativo mais utilizados nos telejornais.

Melo (2006) apud Costa (2010) também incluem entrevista como um formato do gênero informativo. Nesse caso trata-se da entrevista com “um ou mais protagonistas dos acontecimentos (...), dando voz aos agentes da cena jornalística”. Com isso, não se refere a entrevistas em profundidade, como encontrado no Jornal da Cultura, mas sim sobre fatos de coberturas factuais.

Foram utilizados os conceitos dos autores Maciel (1995) citado por Rezende (2010) e análise de Rezende (2010).

Quadro 5 – Classificações do Jornalismo Informativo

Formato	Características
Nota	Pode haver dois formatos de nota no telejornalismo. A primeira é a nota ao vivo que, no telejornal, apenas será lido pelo âncora e o texto é produzido pelo editor. A segunda é a nota coberta, que é narrada pelo apresentador. A sequência de imagens dá sentido à informação que está sendo lida. A diferença entre nota simples e coberta é que, no caso de nota simples, não são utilizadas as imagens, a informação é lida pelo âncora no estúdio, e geralmente é mais curta, característica do imediatismo do “ao vivo”. Já a nota coberta tem a informação visual com os recursos das imagens, áudio ambiente e narração do âncora.
Notícia	Em telejornalismo a notícia é tratada como um formato e não como um termo genérico utilizado no jornalismo informativo. Então, a notícia, do ponto de vista do gênero informativo no telejornalismo, se diferencia da nota coberta, pois tem um relato mais completo e geralmente com um tempo maior de apresentação, uma média de 45 segundos e é narrada pelo repórter. Já comparado com o formato de reportagem no telejornalismo, a notícia tem um tempo de duração bem menor, do que a média de 1 min e 30 seg da reportagem, e não tem a presença do repórter.
Reportagem	A reportagem é a mais completa forma de apresentar a notícia e se estrutura em cinco partes: Cabeça no jargão jornalístico (chamada da notícia) que é lida pelo âncora no estúdio, <i>off</i> que é sonora do texto escrito pelo repórter, passagem que é a presença do repórter no vídeo para ler as informações mais importantes que necessariamente não estão sendo apresentadas junto às imagens, e as entrevistas que podem ter várias no mesmo vídeo. Desta forma, o formato de reportagem no telejornalismo abrange todas as outras formas de apresentar notícia.

Fonte: Maciel (1995) apud Rezende (2010) adaptado pela autora (2016).

Além das subcategorias apresentadas por Maciel (1995) citadas por Rezende (2010), o autor destaca que há outras, porém apresentadas esporadicamente. São os casos de plantão de notícias, informações jornalísticas inseridas em programas de variedades e espetáculos midiáticos globais. (REZENDE, 2010, p. 292).

Segundo Rezende (2010) as reportagens jornalísticas que prestam algum tipo de serviço não se encaixam em um determinado gênero, pois o comentário econômico, por exemplo, que tem a finalidade de esclarecer ou orientar o telespectador sobre determinado assunto, se vale de uma utilidade pública que pode estar embutida no gênero informativo ou opinativo. (REZENDE, 2010, p.303).

3.2 JORNALISMO OPINATIVO

O primeiro desafio para se definir o que é o jornalismo opinativo, passa pela

discussão, ainda sem um consenso definido do que é a opinião. Os autores divergem entre ideias de que um texto opinativo é aquele que o jornalista declara abertamente seu ponto de vista sobre o fato e até mesmo a hipótese de que, já na escolha das pautas e da estrutura da redação, haveria ali a opinião. Para compreender melhor o conceito para basear a análise do Jornal da Cultura, recorre-se novamente a Beltrão (1980) e Melo (2003).

Segundo o autor Beltrão (1980) o gênero opinativo exprime o caráter de juízo do ser humano, pois este tem ideias, fatos ou situações conflitantes. Ele ressalta que o jornalista não só pode como deve opinar quando estiver na função de captar uma informação importante para o seu trabalho. O autor divide o jornalismo opinativo em três categorias que são elas: A primeira é o editor; – pois expressam sua opinião por meio da linha editorial; depois, jornalista – pois expressam seu juízo nas notícias e ainda o leitor – pois, opina por meio de entrevistas. (BELTRÃO, 1980, p.21 apud COSTA; 2010, p.57).

Jorge Lellis Bomfim Medina (2001) cita Melo (2003) ao dizer que o autor se propôs a criar a sua própria classificação de gêneros opinativos que são: editorial, comentário, artigo, resenha/crítica, coluna, crônica, caricatura e carta, que são detalhados no quadro abaixo.

Quadro 6 - Formatos do Jornalismo Opinativo

(Continua)

Formato	Características
Editorial	Expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento. Porta-voz da instituição jornalística. Espaço de contradições. Opinião das forças que mantêm a instituição jornalística (proprietários, jornalistas, acionistas, anunciantes, leitores). Sinaliza à opinião pública, pretendendo nela influir.
Comentário	Oriundo do jornalismo norte-americano, no qual é cultivado por jornalistas de grande credibilidade, mais conhecidos como “opinio makers”. Explica as notícias, seu alcance, suas circunstâncias, suas consequências. Nem sempre emite uma opinião explícita. O julgamento dos fatos é percebido pelo raciocínio do comentarista, pelos rumos de sua argumentação. Sua característica inerente é a continuidade. Uma matéria que contém a apreciação de um fato articula-se necessariamente com as que a antecederam e com as que virão.
Artigo	Matéria jornalística através da qual jornalistas e cidadãos desenvolvem ideias e apresentam opiniões. Contêm julgamentos mais ou menos provisórios, porque é escrito enquanto os fatos ainda estão se configurando. Democratiza a opinião no jornalismo, possibilitando o seu acesso às lideranças emergentes na sociedade.

Quadro 9 - Formatos do Jornalismo Opinativo

(Conclusão)

Formato	Características
Resenha	Apreciação das obras de arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores e consumidores. Não tem a intenção de oferecer julgamento estético. Tem função eminentemente utilitária. Ao mesmo tempo em que sinaliza aos consumidores, dialoga com os produtores, oferecendo pistas para os autores, diretores, atores. Formato que abrange toda mídia, da imprensa ao rádio e à televisão, expandindo-se também na Internet.
Coluna	Mosaico estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. Cumpre uma função que foi peculiar ao jornalismo impresso antes do rádio e da televisão: o furo. Tem como espaço privilegiado aos bastidores da notícia, descobrindo fatos que estão por acontecer, pinçando opiniões que ainda não se expressaram, ou exercendo um trabalho sutil de orientação da opinião pública. Aparentemente tem caráter informativo, mas na prática é uma seção que emite juízos de valor, com sutileza ou de modo ostensivo.
Crônica	Formato genuinamente brasileiro, corresponde a um relato poético do real. Gira permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística. Conversa aparentemente fiada, em torno de questões secundárias, constitui um momento de pausa, que reflete trégua necessária à vida social. Hegemônica na imprensa encontra também espaço no rádio e começa a florescer na Internet.
Caricatura	Forma de ilustração que a imprensa absorve com sentido nitidamente opinativo. Sua origem semântica corresponde a ridicularizar, satirizar, criticar. Pode ser exercitada também sob a forma de texto humorístico. Os caricaturistas atuam como a consciência crítica da sociedade, revelando uma tendência nitidamente oposicionista. Predomina na imprensa, mas floresce também na televisão, expandindo-se na Internet.
Carta	Espaço facultado aos cidadãos para que expressem seus pontos de vista, suas reivindicações, sua emoção. Pretende romper a barreira que existe entre leitor e editor, produtor e consumidor. Território democrático, aberto a todos os cidadãos interessados em participar do debate público, sendo vedado o anonimato.

Fonte: Melo (2006) apud Costa (2010).

3.2.1 GÊNERO OPINATIVO NO TELEJORNALISMO

Segundo Rezende (2010), dos oito formatos classificados por Melo (1985) em sua pesquisa, somente três integram o jornalismo opinativo no telejornalismo: editorial, comentário e crônica. (REZENDE, 2010, p. 310). Para o autor, o formato

editorial no telejornalismo é o texto lido pelo âncora e que representa a opinião da emissora sobre tal assunto. Ela, também pode ser feita pelos editores e neste caso a opinião pode ser confundida com a análise do editor. (2010, p.310).

Para Luciana Bistane e Luciane Bastellar (2005), a linha editorial deve compreender o público da emissora para definir qual será o enfoque das notícias. Uma das formas de identificar o público é por meio do horário do telejornal. (BISTANE, BASTELAR, 2005, p.43). Essa linha editorial não indica um texto opinativo em si, mas o posicionamento ideológico das notícias.

O formato comentário no gênero opinativo se caracteriza no telejornal por meio da análise de um jornalista especializado no assunto. Tem o intuito de esclarecer os fatos, fazer a análise e interpretação da notícia servindo também do jornalismo de serviço. Já a crônica tem um estilo diferenciado, parecido com o jornalismo literário, porém se enquadra no gênero opinativo, pois o repórter tem a livre escolha de escrever o texto mais lírico ou não, baseado em sua análise e visão pessoal. (REZENDE, 2010, p.310-311).

De acordo com Rezende (2010) os formatos: coluna, charge e participação do telespectador são os formatos pouco utilizados no telejornalismo. Para o autor, estão mais presentes presente nos jornais impressos, porém, no telejornalismo esta opinião pode estar embutida no formato comentário. (REZENDE, 2010, p.311).

Para Schneider (2012), a crônica tem um estilo mais livre, com um texto curto e uma linguagem mais despojada. O cronista tem certa liberdade de abordar vários assuntos do cotidiano em um aspecto mais alegre ou sério. De acordo com o autor, a crônica não tem durabilidade se tratando de espaço no jornal, desta forma tem um jeito próprio de interpretar as informações de uma forma subjetiva, expressando de várias formas e produzindo significados diferentes às pessoas. (SCHNEIDER, 2012, p.4).

Logo, Schneider (2012) afirma que o jornal não utiliza deste gênero apenas para um texto recreativo, e sim, como uma forma de comunicação política que lida com a sensibilidade de seus leitores e telespectadores. Utilizando-se de assuntos mais sérios, tem a finalidade de transformar o tema em discussão pertinente. (SCHNEIDER, 2012, p.5).

3.3 JORNALISMO INTERPRETATIVO

Os autores Lailton Costa e Janine Lucht citam Leandro e Medina (1973) e Luiz Beltrão (1976) para afirmar que o jornalismo interpretativo nasceu no país com o surgimento do Departamento de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil em 1960. Beltrão (1976) também cita a passagem do jornalista Alberto Dines no jornal *Diário da Noite*, cujo objetivo era institucionalizar o jornalismo de caráter mais interpretativo e analítico. No *Jornal do Brasil*, o departamento de pesquisa criado por Albert Dines também tinha o objetivo de buscar explicações, embasado no jornal diário e dados reais.

Para Beltrão (1980) depois da última guerra com a crescente inserção de veículos audiovisuais, observa-se que na política editorial dos jornais a uma certa tendência para o jornalismo interpretativo, que não se limitam mais a informar somente os aspectos superficiais da notícia.

O jornal atende o público, pois a complexidade da vida contemporânea não permite que o homem comum aprenda, em um relato puro e simples da ocorrência, as forças políticas, econômicas e sociológicas que moldam sua vida. Por isso a imprensa apresenta as notícias como que mastigadas, detendo-se a investigação do jornalista, de modo especial, nas perguntas: "Por quê?" e "Para quê?". (BELTRÃO, 1980, p.38).

Já Mario Erbolato (2008) considera que o surgimento da televisão fez com o que os jornais impressos elaborassem reportagens aprofundadas sobre o que foi transmitido na televisão e no rádio no dia anterior, a fim de complementar a informação. Para isso, os jornalistas precisaram aprofundar seus conhecimentos através de pesquisas em livros e jornais. A partir de então surge o jornalismo em profundidade, jornalismo explicativo, jornalismo motivacional. (ERBOLATO, 2008, p. 31).

Segundo Melo (2003), o jornalismo interpretativo se apropria das expressões utilizadas pelos gêneros informativo e opinativo, oscilando entre esses dois gêneros jornalísticos tão importantes, em sua própria construção. Para o autor, o gênero interpretativo trata-se de uma categoria carente de configuração a qual ainda não adquiriu sua fisionomia.

No entanto, Melo (2003) ressalta que o gênero interpretativo sofreu uma alteração com o desenvolvimento da reportagem, pois procurou manter o cidadão mais ligado com os acontecimentos dos fatos, a qual esse alcance se resultou de

uma tarefa de esforço analítico e documental. Melo (2003) compreende que o gênero interpretativo se enquadra dentro das características do jornalismo informativo, pois a interpretação (enquanto procedimento explicativo) se cumpre fielmente no jornalismo informativo.

Para o autor Dias *et al* (1998) citado por Costa (2010) e Passini Lucht (2010) o jornalismo interpretativo serve como um modo de aprofundar a informação. O autor relata que existem quatro formatos de jornalismo. A primeira delas é a análise, onde a informação é analisada pelo autor do texto com o recurso de dados complementares a qual o leitor possa ter uma compreensão maior.

O segundo formato é o perfil que compreende a apresentação de um determinado comportamento do personagem, possibilitando a interpretação. A terceira é a enquete que é considerado como um complemento da informação, onde o entrevistado pode interpretar de uma forma mais objetiva e rápida. E a última, a cronologia, também considerado como um complemento da informação com utilização de dados cronológicos. (DIAS *et al* (1998) citado por COSTA (2010) e LUCHT (2010), p.115).

Observa-se as características para os formatos do gênero interpretativo, segundo Melo (2003) citado por Costa (2010).

Quadro 7 - Formatos do Jornalismo Interpretativo

(Continua)

Formato	Características
Dossiê	Mosaico destinado à compreensão dos fatos noticiosos. Condensação de dados sob a forma de boxes, ilustrados com gráficos, mapas ou tabelas. Trata-se de matéria destinada a complementar as narrativas principais de uma edição ou para celebrar efemérides.
Perfil	Relato biográfico sintético, identificando os “agentes” noticiosos. Focaliza os protagonistas mais frequentes da cena jornalística, incluindo figuras que adquirem notoriedade ocasional.
Enquete	Relato das narrativas ou pontos de vista de cidadãos aleatoriamente escolhidos. Tanto pode ser restrita aos “olimpianos” quanto abrangente, incluindo os “cidadãos comuns”. Destina-se a acionar os mecanismos psicológicos de “projeção” ou “identificação”.

Quadro 7 - Formatos do Jornalismo Interpretativo

(Conclusão)

Formato	Características
Cronologia	Reconstituição do acontecimento de acordo com variáveis temporais (secular, anual, semanal, horária). Destina-se a reconstituir o fluxo das ocorrências, permitindo sua melhor compreensão pelo receptor. Trata-se de ilustração que complementa a cobertura de fatos extraordinários ou cuja dinâmica tem como alavanca o fator “tempo”.
Análise	“É um formato a qual a informação é analisada pelo autor do texto publicado, com dados complementares que fazem com que o leitor possa ter uma compreensão maior dos fatos”.

Fonte: Melo (2003) e apud Costa (2010)

3.2.1 GÊNERO INTERPRETATIVO NO TELEJORNALISMO

Rezende (2000) destaca que o gênero interpretativo e diversional estão mais presentes nas subcategorias de outros programas jornalísticos de televisão e que o telejornalismo se atém mais ao factual. O autor considera que, mesmo que o telejornal tenha algum outro formato mais diversional ou interpretativo, esta exceção não basta para descaracterizar o formato do noticiário. Ele ainda ressalta ainda que o telejornalismo está presente na programação televisiva nas subcategorias de entrevista, reportagem, programa de debates, documentário e telejornal (REZENDE, 2010, p.292), que também podem ser enquadradas no gênero interpretativo, dependendo de como o texto se desenvolve.

Alexandre Carvalho *et al* (2010) defende que o jornalismo investigativo é um formato que vai além da reportagem com o intuito de revelar algo que até então estava escondido. Segundo os autores, o estilo investigativo, se debruça em levantamento, cruzamento e interpretação de dados, para chegar à constatação dos fatos. (CARVALHO, et al, 2010, p.78). Considera-se aqui esse tipo de produção como gênero pertencente ao gênero interpretativo, embora até pudesse ser incluída como um gênero independente.

Para os autores, as reportagens investigativas costumam ter um índice de audiência muito bom para as emissoras de TV. Amparada de imagens que foram gravadas por meio de câmeras escondidas, os jornalistas visitam locais mais afastados, até escondidos ou proibidos a fim de produzir à reportagem que muitas

vezes a informação investigada está relacionada com alguma proibição, a qual a reportagem servirá como denúncia. (CARVALHO, et al, 2010, p.79).

Leonel Azevedo de Aguiar (2006) cita Waisboard (2000) para afirmar que o que caracteriza o jornalismo investigativo são as divulgações de informações sigilosas. Essa característica se enquadra no gênero de jornalismo narrativo, reportagem sobre ações de instituições públicas ou privadas que sejam de interesse público. Segundo Aguiar (2006) as reportagens são feitas por jornalistas que não se limitam em buscar informações e conferir se as denúncias que chegam até a redação são verdadeiras. (AGUIAR, 2006, p.75).

O formato de entrevista foi considerado como interpretativo, pois no telejornalismo, quando as entrevistas são feitas no estúdio buscam aprofundar um fato noticiado, segundo Rezende (2010). “A entrevista de estúdio (...) gravada ou ao vivo, segue uma pauta e circunscreve-se ao tema vinculado à cobertura dos fatos do dia”. (REZENDE, 2010, p.292). Esse foi o formato verificado no Jornal da Cultura, como será melhor descrito na análise dos dados.

No entanto, o formato de entrevista nesse telejornal pode ser confundido com outro formato pouco utilizado no telejornal que é o debate. Esta subcategoria, segundo Souza (2004), se diferencia pelo número de pessoas que estão no debate e pode tratar de vários temas. (SOUZA, 2004, p.144). Portanto, durante esta pesquisa, optou-se por apresentar esse formato como “análise em estúdio”, pertencente ao gênero interpretativo, pois os convidados não só comentam as notícias, como trazem dados, recortes históricos outros acontecimentos que geraram notícia, a fim de aprofundar no tema.

Destaca-se o fato de que os especialistas opinam sobre o assunto, porém, o jornalista não. Ana Regina Rêgo e Maria Isabel Amphilo (2010), cita Melo (2003) para explicar a opinião presente no comentário dos convidados:

O comentário emerge com forma e conteúdo a ser trabalhado e de toda a responsabilidade do comentarista, que é um profissional valorizado, devido a sua bagagem cultural, estando apto para emitir opiniões e valores. (RÊGO e AMPHILO, 2010, p.104).

4 TV CULTURA

De acordo com Rezende (2000), a história da TV Cultura começou por meio da instauração dos Diários Associados, que foi a segunda emissora inaugurada no Estado de São Paulo. O presidente dos Diários Associados na época era Edmundo Monteiro e o objetivo seria contribuir para o desenvolvimento educativo e cultural. (REZENDE, 2000, p.174).

Porém, como ressalta Rezende (2000), o objetivo da emissora, não era o que se apresentava na prática.

Uma das provas desse distanciamento se percebia pela natureza do programa de maior audiência exibido pela TV Cultura. “O homem do sapato branco”, apresentado por Jacinto Figueira Júnior, trazia para o vídeo aspectos grotescos da realidade. E em seu tom policialesco, tal como se observa em alguns programas do gênero, o tema central eram anomalias sociais de toda espécie, tratadas por uma óptica perversa, quase sempre contrariando os mais elementares princípios da dignidade humana. (REZENDE, 2000, p.174).

Em um dos relatos, o autor apresenta que a TV Cultura passou por um momento de dificuldades financeiras, após um incêndio onde acabaram perdendo todos os seus equipamentos. Depois disso, a TV Cultura passa a ser controlada pela Fundação Padre Anchieta, pertencente ao governo de São Paulo e algum tempo depois foi novamente inaugurada em 15 de junho de 1969. “A emissora organizou-se sob a forma de uma instituição de direito privado, sustentada por verbas públicas estaduais” (REZENDE, 2000, p.175).

Rezende (2000) cita Leal Filho (1988), para enfatizar que desde sua criação, a TV Cultura está presente nos debates ideológicos.

Da sua compra pelo Estado, cercada de desconfianças, passamos pelo projeto elitista de levar ao “povo inculto” e de, ao mesmo tempo, atender às elites com programas de “bom gosto”, chegamos à constatação da existência de visões divergentes entre direção e produção, introduzindo a ideia da presença do conflito no interior de um meio de comunicação que se pretendia homogêneo. (LEAL FILHO, 1988, p.29 apud REZENDE, 2000, p.175).

Em 1996, Souza (2004) fez um estudo sobre os gêneros na programação da TV brasileira e, a partir disto, realizou uma pesquisa a fim de identificar não só os gêneros mais a presença das categorias dos programas da TV brasileira, citados anteriormente neste estudo. Entre as emissoras analisadas, SBT, Globo, Manchete, atual Rede TV!, TV Gazeta e Bandeirantes, estava também a TV Cultura. Segundo o

autor, a TV Cultura era a única em termos de canal aberto, educativa, no Estado de São Paulo e que, na época, a maior parte de sua programação é da categoria entretenimento infantil. (SOUZA, 2004, p.80).

Souza (2004) também afirma que a emissora tem uma produção mais educativa, que ocupa 15% de sua programação e que várias séries apresentadas também se enquadram no educativo. “Isto aumenta ainda mais a vantagem da emissora sobre as demais no que se refere aos programas desse gênero. A Cultura é, de longe, a emissora que mais transmite programas da categoria educação”. (SOUZA, 2004, p.80).

De acordo com sua pesquisa, o telejornalismo aparece com 13% de tempo na programação, que se dividem em telejornais, debates e entrevistas. A categoria informação no total aparece em 15% da programação da emissora. (SOUZA, 2004, p.80-81).

4.1 JORNAL DA CULTURA

Imagem 1 - Logo marca atualmente utilizada no Jornal da Cultura.



Fonte: Site Jornal da Cultura (2016)

Neste subcapítulo, iremos retratar sobre a criação do telejornal e seus princípios éticos. De acordo com Rezende (2000), o telejornal “Jornal da Cultura”, estreou no ano de 1988 por Carlos Nascimento. O horário apresentado era às 10 horas da noite. O autor relata na íntegra o depoimento do âncora e editor-executivo, Milton Jung.

A equipe comandada por Carlos Nascimento era dividida em editorias de economia, política, internacional e geral. Cada uma das áreas era formada por um editor-executivo e dois editores de texto. Nascimento ancorava o jornal que mantinha comentaristas para diferentes assuntos. (JUNG apud REZENDE, 2000,1997).

Atualmente, segundo o site da instituição, o telejornal com o debate vai ao ar de segunda à sexta-feira e apresentado às 21 horas por Willian Côrrea. Nos sábados o telejornal sem a presença dos comentaristas é apresentado pela âncora Márcia Bongiovani. Durante a semana o âncora do jornal conta com a participação de convidados especializados nos assuntos presentes das pautas da redação diária. O telejornal tem a média de 55 minutos de duração dividindo-se em 4 blocos.

O jornalismo da TV Cultura, segundo Rezende (2000), se baseia na “Independência”, “Precisão e Equilíbrio”. De acordo com o autor, a “Independência” traz o sentido de que “a emissora pública deve servir aos telespectadores e não a grupos indivíduos”. (2000. p.177). Já a *Precisão*, se baseia na ideia que “Informação de qualidade só existe se for correta, precisa” e “só é notícia o que decorre dos fatos e não de uma realidade virtual”. (2000. p.177). E por fim o “Equilíbrio”, que quer dizer “Ouvir sempre todos os lados envolvidos numa mesma história”. (REZENDE, 2000, p.177).

Rezende (2000) cita Sérgio de Castro, que definiu o perfil do *Jornal da Cultura*, como gênero informativo mais com um cunho educativo-cultural. Segundo Rezende, o *Manual da Redação da TV Cultura*, de 1997, seguia um estilo de redação mais livre, voltado mais para procedimentos éticos e técnicos. (REZENDE, 2000, p. 180).

No capítulo a seguir será apresentado a descrição da análise de conteúdo das edições selecionadas do telejornal “Jornal da Cultura”.

5 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A partir do estudo bibliográfico e da criação das categorias de análise, buscou-se analisar quais gêneros jornalísticos são mais utilizados no Jornal da Cultura e em quais classificações de formato jornalístico se enquadra o telejornal. Para responder o tema central desta pesquisa, ou seja, quais dos gêneros jornalísticos informativo, opinativo e interpretativo estão em maior evidência no telejornal “Jornal da Cultura”, segue abaixo os formatos encontrados no telejornal de acordo com os autores.

Quadro 8 - Categoria de Análise adaptado pela autora

(Continua)

Classificação de Gênero Informativo	Características	Referência
Nota Simples	Informação é lida pelo âncora no estúdio e geralmente é mais curta.	(MACIEL (1995) apud REZENDE (2010), p. 305 à 310)
Nota Coberta	Informação visual com os recursos das imagens, áudio ambiente e narração do âncora.	
Notícia	Relato mais completo comparado à nota, geralmente com um tempo maior de apresentação, mas menor que a reportagem sem a presença do repórter.	
Reportagem	Chamada da notícia, sonora do texto escrito pelo repórter, passagem e entrevistas.	
Classificação de Gênero Opinativo	Características	
Reportagem/crônica (termo adaptado pela autora)	São reportagens produzidas da mesma forma que o gênero informativo, porém são notícias relacionadas à locais e personalidades pública, a qual o repórter emite sua opinião de acordo com a construção do vídeo, sem necessariamente emitir juízo no texto narrado. Este conceito foi escrito por Melo (2010) para o jornalismo impresso e a autora adaptou para o telejornalismo.	(MELO (2003) apud COSTA (2010), p.56 à 65)

Quadro 8 - Categoria de Análise adaptado pela autora

(Conclusão)

Classificação de Gênero Interpretativo	Características	Referência
Análise em estúdio	A informação é analisada pelo autor do texto com o recurso de dados complementares a qual o leitor possa ter uma compreensão maior.	(DIAS <i>et al</i> (1998) apud COSTA (2010) e PASSINI LUCHT (2010), p.115)

Fonte: Maciel (1995), Melo (2003) e Dias et al (1998) adaptado pela autora.

Durante a análise foi constatado que o enquadramento de câmeras não alterna entre a apresentação de um telejornal e outro buscando manter um padrão na exibição. Abaixo se encontra um print do vídeo no momento do debate no estúdio.

Imagem 2 – Âncora Willian Corrêa e os comentaristas Airton Soares e Marco Antônio Vila



Fonte: Youtube(2016)

Visto as etapas que antecedem a análise do jornal, segue a tabela com as edições analisadas e descritas o tempo de cada reportagem e sua classificação de acordo com a análise, baseada nos estudos dos autores apontados neste trabalho.

Tabela 1 - Edição 25/07/2016

Edição 25/07/2016 – Tempo total 52:31 – Segunda - feira			
1° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Atentado Terrorista	1'08	Informativo	Notícia
Atentado Terrorista	5'46	Interpretativo	Análise
Segurança no Brasil Olimpíada	1'50	Informativo	Reportagem
Segurança no Brasil Olimpíada	4'00	Interpretativo	Análise
2° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Aumento de impostos no Brasil	1'35	Informativo	Reportagem
Aumento de impostos no Brasil	9'25	Interpretativo	Análise
Redução na impressão cédulas	1'20	Informativo	Reportagem
Nota coberta nacional	1'00	Informativo	Nota Coberta
Suplicy reintegração de posse	1'20	Informativo	Notícia
Suplicy reintegração de posse	2'42	Interpretativo	Análise
Protesto contra Hilary Clinton	1'10	Informativo	Notícia
3° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Fiscalização de caixa 2	1'12	Informativo	Notícia
Fiscalização de caixa 2	6'30	Interpretativo	Análise
Nota coberta internacional	1'45	Informativo	Nota coberta
Mostra do cinema negro	2'10	Informativo	Reportagem
4° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Reparos da vila olímpica	1'22	Informativo	Notícia
Reparos da vila olímpica	1'20	Interpretativo	Análise
Total inf: 15min 52seg Total int: 29min 43seg			

Fonte: Autora (2016)

Seguindo a linha de estudo dos autores citados, para classificar o formato do gênero informativo foram analisadas as suas características. Um exemplo é um vídeo com informações sobre um grupo brasileiro acusado de ter planejado um atentado terrorista durante as olimpíadas no Rio de Janeiro. A principal informação é que a polícia Federal identificou os suspeitos e encaminhou para depoimentos.

O material inicia com a informação de quem é o rapaz suspeito, o que faz, onde mora. Em seguida o repórter narra que o suspeito foi encaminhado para a prisão após seu depoimento, e, na próxima imagem, mostra a entrevista com o juiz que está cuidando do caso e está avaliando a possibilidade de liberar algum dos presos com o uso da tornozeleira eletrônica. Logo depois, é apresentada a imagem do general e ministro de segurança institucional. O repórter, em off, informa sobre a posição do juiz em relação à liberdade dos presos. O vídeo é finalizado com mais informações da quantidade de pessoas presas no Brasil até o momento, baseado na lei de anti- terrorismo.

Verifica-se que o gênero é informativo, pois houve o relato do acontecimento

logo no começo do texto, conhecido como *lead*. Também apresentou posicionamentos contrários com as entrevistas realizadas em relação à ação do governo e Polícia Federal, trazendo informações objetivas sobre o fato, sem aprofundamento e discussão, dentro da reportagem, das repercussões do acontecimento. (PENA, 2008, p. 42-43).

Já o formato apresentado se enquadra em notícia do gênero informativo, pois segundo Rezende (2010), essa se diferencia da reportagem pela ausência do repórter no vídeo, chamada no jargão televisivo de passagem. Segundo o autor, a notícia leva em média 1 minuto e não tem a passagem do repórter, contendo basicamente o relato da informação (*lead*). Porém, comparado à nota coberta, a notícia é mais completa. (MACIEL, 1995 apud REZENDE, 2010, p. 305 a 310).

Logo após a exibição da notícia, este tema é discutido no estúdio e o âncora faz a primeira pergunta ao convidado Airton Soares, que é advogado e ex-deputado federal que comenta sobre o direito de defesa destes presos. Airton Soares traz sua opinião a respeito do juiz e diz que o mesmo é bem preparado e o mais correto em julgar este caso devido à sua experiência, conhece o processo e sabe avaliar a periculosidade em relação à conduta dos acusados. Continua sua fala e esclarece que talvez o general tenha exagerado um pouco, pois neste caso, não se aponta certamente o ato preparatório da ação de terrorismo. Em seguida, esclarece novamente que o ato preparatório ainda não é punível, mas aponta os fatores positivos na coerção destes suspeitos. Já o outro convidado, o historiador Marco Antônio Vila, também comenta esta notícia, e cita um caso parecido que ocorreu na França, trazendo esse recorte histórico.

Embora os entrevistados tenham deixado de forma clara sua opinião, o debate no estúdio foi considerado *interpretativo*, pois trouxe recorte histórico e uma análise sobre outros acontecimentos no Brasil em relação ao terrorismo e crime organizado. Esse tipo de inserção no telejornal também foi considerada interpretativa por não se tratar da opinião dos jornalistas e sim dos entrevistados, fontes convidadas a participar da edição. A descrição desta reportagem foi somente um exemplo de modelo adotado para a Análise de Conteúdo das demais reportagens.

A seguir a tabela da segunda edição analisada:

Tabela 2 – Edição 02/08/2016

Edição 02/08/2016 – Tempo total 51:39 – Terça - feira			
1° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Julgamento Impeachment	2'02	Informativo	Reportagem
Julgamento Impeachment	4'20	Interpretativo	Análise
Lava jato	2'20	Informativo	Reportagem
Lava jato	2'00	Interpretativo	Análise
2° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Segurança no trabalho	2'00	Informativo	Reportagem
Segurança no trabalho	3'05	Interpretativo	Análise
Projeto de criação ICN (identidade civil nacional)	1'55	Informativo	Reportagem
Projeto de criação ICN	4'15	Interpretativo	Análise
Armamento de alunos no Texas	1'15	Informativo	Notícia
Armamento de alunos no Texas	2'50	Interpretativo	Análise
Nota coberta nacional	1'05	Informativo	Nota Coberta
Festa cultural ao negro	1'25	Informativo	Reportagem
Racismo	5'39	Interpretativo	Análise
3° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Internautas criticam olimpíada	2'25	Informativo	Reportagem
Clima político influencia críticas	4'05	Interpretativo	Análise
Chegada dos atletas olímpicos	1'10	Informativo	Notícia
4° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Liderança Mercosul	1'42	Informativo	Reportagem
Economia Mercosul	0'40	Interpretativo	Análise
Total inf: 17 min 19 seg Total int: 26 min 54 seg			

Fonte: Autora (2016)

Na imagem abaixo se encontram os comentaristas à esquerda na análise.

Imagem 3 – Âncora Willian Corrêa e os comentaristas José Vicente e Luiz Flávio Gomes



Fonte: Youtube (2016)

Na edição do dia 02 de agosto, os convidados expõem a opinião em relação ao então governo e apresentam de forma clara, sua opinião política. Em alguns momentos do debate, o âncora faz a mediação sem necessariamente, fazer perguntas aos convidados, somente retorna ao tema da notícia e direciona ao convidado o momento de ele comentar a notícia e analisar. Nestas ocasiões, os convidados se sentem mais livres para expor sua opinião.

Como já citado neste estudo, as autoras Ana Regina Rêgo e Maria Isabel Amphilo (2010), cita Melo (2003) para explicar que a opinião presente no comentário do convidado é de toda a sua responsabilidade, e devido à formação e bagagem cultural está apto para opinar. (MELO, 2003 *apud* RÊGO e AMPHILO, 2010, p. 104).

Desta forma, os comentários no estúdio foram classificados como interpretativo, no entanto, de acordo com o conceito adotado para análise, quando a opinião vem do jornalista é considerado opinativo, pois esta condição interfere em todo o processo jornalístico. Mas, se a opinião vem do comentarista e há a análise da notícia, é classificado como interpretativo. Verifica-se que o telejornal busca apresentar outros pontos de vista que agregam à interpretação do assunto proposto.

Na tabela abaixo, a análise da terceira edição:

Tabela 3 – Edição 10/08/2016

(Continua)

Edição 10/08/2016 – Tempo total 47:45 – Quarta - feira			
1° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Dilma Rousseff vira ré	2'35	Informativo	Reportagem
Carta da Dilma Rousseff	5'22	Interpretativo	Análise
Cassação de Eduardo Cunha	1'00	Informativo	Nota simples
Cassação de Eduardo Cunha	3'12	Interpretativo	Análise
2° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Falta de clínico geral	2'15	Informativo	Reportagem
Formação médicos – clínico	4'28	Interpretativo	Análise
Pesquisa aborda voto racional ou emocional	2'08	Informativo	Reportagem
Voto no Brasil é consciente?	6'10	Interpretativo	Análise
Nota coberta nacional	1'00	Informativo	Nota Coberta
Aumento do preço no feijão	1'45	Informativo	Reportagem
Importância nutricional do feijão	1'20	Interpretativo	Análise
Ministra Carmem Lúcia é eleita a presidência do Supremo Tribunal Federal	0'30	Informativo	Nota Simples
Alemanha estuda proibir o uso da burca	0'52	Informativo	Notícia

Tabela 3 – Edição 10/08/2016

(Conclusão)

Edição 10/08/2016 – Tempo total 47:45 – Quarta - feira			
2° bloco			
Crescimento da xenofobia	5'40	Interpretativo	Análise
3° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Três militares são baleados RJ	0'40	Informativo	Notícia
4° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Nota coberta internacional	1'20	Informativo	Nota Coberta
Novo álbum de Boldrin	1'08	Informativo	Notícia
Total inf: 15 min 13 seg Total int: 26 min 12 seg			

Fonte: Autora (2016)

A imagem abaixo representa a edição do dia 10/08/2016 no momento em que o âncora Willian Corrêa pergunta ao convidado.

Imagem 4 – Âncora Willian Corrêa e os comentaristas Arnaldo Lichtenstein e Luiz Felipe Pondé



Fonte: Youtube (2016)

A análise da edição acima baseou-se em Rezende (2010) para definir as informações entre nota coberta e nota simples. Segundo Maciel (1995) citado por Rezende (2010), a nota simples é lida pelo âncora e o texto é produzido pelo editor, sem imagens do acontecimento que está sendo noticiado. Já a nota coberta é narrada pelo âncora em *off* e tem sequência de imagens sobre a informação que está sendo narrada.

Neste caso, as informações lidas pelo âncora no estúdio, sem presença de

imagens como a nota da Cassação de Eduardo Cunha, foram consideradas como nota simples e as informações com vinheta, sequência de imagens, várias informações seguidas com a narração do âncora, mas sem presença do repórter, foram consideradas como nota coberta. Como exemplo, as notas nacionais e internacionais que aderiram a utilização de vinhetas e duraram em média um minuto cada. Cada nota coberta foi contada como uma unidade de gênero informativo. As informações em sequência que faz parte da nota coberta não entraram para a contagem.

Como exemplo a nota coberta internacional desta edição que teve a duração de 1 minuto e 20 segundos e foram apresentadas 3 notícias seguidas. A primeira delas foi a campanha das eleições nos Estados Unidos, em seguida a notícia de um novo ataque terrorista na Turquia e por último a notícia de um automóvel autônomo que salvou a vida de um homem, também nos Estados Unidos. Essas informações fizeram parte da nota coberta que contabilizou uma unidade do gênero informativo.

No quadro a seguir, pode-se verificar a análise da edição de 18 de agosto de 2016.

Tabela 4 - Edição 18/08/2016

(Continua)

Edição 18/08/2016 – Tempo total 51:42 – Quinta - feira			
1° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Temer não comparecerá ao encerramento das olimpíadas	0'55	Informativo	Reportagem
Recuperação da economia	6'28	Interpretativo	Análise
Nadadores são indicados por falsa comunicação de crime	1'12	Informativo	Notícia
Nadadores são indicados por falsa comunicação de crime	2'45	Interpretativo	Análise
2° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Surgimento de novos partidos	2'25	Informativo	Reportagem
Surgimento de novos partidos	6'05	Interpretativo	Análise
Gilmar Mendes Cita que Criação da ficha limpa foi feito por bêbados.	2'05	Informativo	Notícia
Gilmar Mendes Cita que criação da ficha limpa foi feito por bêbados.	4'05	Interpretativo	Análise
Nota coberta nacional	1'10	Informativo	Nota Coberta
Quadrilha ataca transportadoras de valores	1'40	Informativo	Reportagem
Transporte de armas	3'25	Interpretativo	Análise
Ataque em Aleppo	1'15	Informativo	Notícia

Tabela 4 - Edição 18/08/2016

(Conclusão)

Edição 18/08/2016 – Tempo total 51:42 – Quinta - feira			
3° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Nota coberta nacional	0'45	Informativo	Nota Coberta
Explosão em festa de casamento na Turquia	0'50	Informativo	Notícia
4° bloco			
Discursos pode mudar rumos na história	2'25	Opinativo	Crônica/Reportagem
Discursos pode mudar rumos na história	4'23	interpretativo	Análise
Novo modelo de aéreo híbrido	1'02	Informativo	Notícia
Brasil ganha duas medalhas nas olimpíadas	-----	Interrompida por as imagens não terem sido autorizadas na internet	Interrompida por as imagens não terem sido autorizadas na internet
Total inf:13min 19seg Total int: 29 min 36 seg Total opi: 2min 25seg			

Fonte: Autora (2016)

Na imagem abaixo é possível observar o momento da análise da edição apresentada no dia 18/08/2016.

Imagem 5 – Âncora Willian Corrêa os comentaristas Galdêncio Torquato e Roberto Delmanto Júnior



Fonte: Youtube (2016)

No gênero opinativo, a crônica é utilizada para textos em que as opiniões do autor são expressas de uma forma clara, porém, muitas vezes as nuances desta opinião podem vir em um texto mais lírico e poético. Costa (2010) cita Melo (2006) para esclarecer que a crônica é demarcada pelas áreas do jornalismo e literatura.

A crônica passa para o jornalismo como gênero cultivado por “escritores que ocupam as colunas da imprensa diária e periódica para relatar os acontecimentos pessoais”. Na imprensa brasileira e portuguesa, segundo o autor, é um gênero opinativo “situado na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real” (MELO, 2006 *apud* COSTA, 2010, p. 61).

Melo (2006) também considera a crônica mais lírica, em que o cronista pode observar as nuances da sociedade para trabalhar em cima de uma crítica social. Os temas estão em torno de questões secundárias que propõe um tempo de pausa, uma trégua, segundo os autores, necessária à vida social. (MELO, 2006 *apud* COSTA, 2010, p. 65).

A reportagem sobre “Discursos que podem mudar rumos na história” é produzida a partir da edição de cenas de filmes sobre os discursos de líderes que revolucionaram o mundo, juntamente com a narração do repórter. Observa-se essa trégua à vida social que Melo (2006) cita. Nesse caso, foi apresentada no último bloco e trouxe consigo uma crítica social, porém em um discurso mais lírico, como citado pelos teóricos mencionados. Desta forma, esse conteúdo foi considerado da categoria de gênero opinativo.

Desta forma, a reportagem entrou para a categoria de gênero opinativo pois foi melhor configurado como crônica e pelo fato do jornalista ter uma liberdade maior de preparar e editar o material de acordo com o seu senso sem que a construção da reportagem não fuja das regras da linha editorial do veículo.

A tabela seguinte traz os gêneros e classificações encontradas na edição do dia 26 de agosto de 2016.

Tabela 5 - Edição 26/08/2016

(Continua)

Edição 26/08/2016 – Tempo total 52:26 – Sexta - feira			
1° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Polícia Federal indícia ex-presidente Lula e esposa Maria Leticia por lavagem de dinheiro	2'50	Informativo	Reportagem
Polícia Federal indícia ex-presidente Lula e esposa Maria Leticia por lavagem de dinheiro	6'45	Interpretativo	Análise
2° bloco			
Segundo dia de votação do impeachment	0'55	Informativo	Notícia
Segundo dia de votação do impeachment	4'42	Informativo	Reportagem
Data das novas sessões	0'30	Informativo	Notícia
Impeachment	8'15	Interpretativo	Análise

Tabela 5 - Edição 26/08/2016

(Conclusão)

Edição 26/08/2016 – Tempo total 52:26 – Sexta - feira			
2° bloco			
Pronunciamento de Renan Calheiros	2'25	Informativo	Reportagem
Pronunciamento de Renan Calheiros	3'20	Interpretativo	Análise
Nota coberta nacional	1'15	Informativo	Nota Coberta
Aumento do tempo para encontrar emprego	1'36	Informativo	Reportagem
Abertura de novos empregos em curto prazo	2'00	Interpretativo	Análise
Terremoto na Itália	1'00	Informativo	Reportagem
3° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Aumento do interesse pela astrologia	1'45	Informativo	Reportagem
Aumento do interesse pela astrologia	3'52	Interpretativo	Análise
Nota coberta internacional	1'35	Informativo	Nota Coberta
Proibição do uso do burquini e tentativa de golpe na Turquia	1'00	Interpretativo	Análise
4° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Festival de cerveja na Coréia do norte	0'50	Informativo	Notícia
Total inf: 19 min 47 seg Total int: 25 min 12 seg			

Fonte: Autora (2016)

A imagem a seguir representa o debate do dia 26/08/2016.

Imagem 6 – Âncora Willian Corrêa e os comentaristas Luiz Felipe Pondé e Ricardo Sennes



Fonte: Youtube (2016)

Na tabela anterior percebe-se que quase todas as reportagens apresentadas foram analisadas pelos convidados no estúdio e, conforme já antecipado na análise, as notícias de cunho político levam maior tempo para serem apresentadas e analisadas. Isto se deve possivelmente ao fato do momento do país, uma vez que o Jornal da Cultura cobria o processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e preparou uma edição especial no dia em que a presidente deixou seu cargo.

A próxima edição, apresentada no sábado, tem um formato diferente das edições da semana, e não teve o tom mais interpretativo como os telejornais exibidos de segunda a sexta-feira. Conforme a análise, foi identificada a característica mais informativa contendo também a crônica. No lugar dos comentaristas, houve a entrevista realizada no estúdio pela âncora Márcia Bongiovanni que teve um tempo de duração de 4 minutos e 35 segundos. Os formatos nota coberta, notícia e as demais reportagens enquadram-se no gênero informativo. Já a reportagem crônica apresentada sobre a reserva particular do legado das águas, enquadrou-se no gênero opinativo.

Tabela 6 - Edição 03/09/2016

Edição 03/09/2016 – Tempo total 26:20 - Sábado			
1° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Temer participa da reunião de países G20.	1'20	Informativo	Reportagem
O costume da gorjeta no Brasil	1'30	Informativo	Reportagem
Feira Game Show em SP.	1'52	Informativo	Reportagem
Nota coberta nacional	1'12	Informativo	Nota Coberta
Nota coberta internacional	2'20	Informativo	Nota Coberta
2° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Feira da Bienal Internacional do Livro	2'00	Informativo	Reportagem
A importância da leitura na vida das pessoas	4'35	Interpretativo	Entrevista de estúdio
3° bloco			
Pauta	Tempo	Gênero	Classificação
Gols do campeonato brasileiro	1'00	Informativo	Notícia
Medalhista de ouro olímpico	0'42	Informativo	Notícia
A reserva particular legado das águas.	2'26	Opinativo	crônica/reportagem
Total inf: 11min 56seg Int: 4min 35 seg opin: 2min 26 seg			

Fonte: Autora (2016)

A imagem a seguir mostra o momento em que há a entrevista de estúdio na edição de sábado (03/09/2016).

Imagem 7 – Âncora Márcia Bongiovanni e o convidado Mansur Bassit



Fonte: Youtube (2016)

O formato de entrevista enquadrou-se como interpretativo uma vez, que, no telejornalismo quando há a entrevista no estúdio, a mesma serve para aprofundar o fato. O tema da entrevista baseou-se na pesquisa divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2003, até então a mais recente, em que os brasileiros dedicam em média seis minutos do seu dia para à leitura. Aproveitando a notícia de serviço/utilitário pertencente ao gênero informativo sobre a realização do evento da Feira da Bienal Internacional do Livro que aconteceu em São Paulo, o espaço no telejornal dedicado à entrevista, serviu para aprofundar no tema da importância da leitura na vida das pessoas.

O formato de entrevista no estúdio que ocorreu na edição de sábado se diferencia do debate do telejornal de segunda à sexta-feira, pois esta traz uma proposta específica de análise e comentário de todas as notícias apresentadas no telejornal. Já a edição de sábado, preparou à entrevista em estúdio para aprofundar somente um determinado assunto.

5.1 RESULTADOS GERAIS

Este subcapítulo tem o objetivo de compilar os dados obtidos na análise de cada edição selecionada do Jornal da Cultura, buscando confirmar a resposta ao

problema de pesquisa sobre qual gênero jornalístico predomina no telejornal estudado. A tabulação dos resultados começa com a somatória dos resultados da análise das cinco edições de segunda a sexta-feira. Segue abaixo o quadro com a quantidade de cada formato apresentado no telejornal de acordo com o seu gênero.

Quadro 9 - Contagem das 5 edições analisadas no Jornal da Cultura

Gênero	Classificações	Frequência
Jornalismo informativo	Nota simples	2
	Nota coberta	9
	Notícia	18
	Reportagem	24
Jornalismo interpretativo	Análise em estúdio	32
Jornalismo opinativo	Reportagem/crônica	1
Total:		86

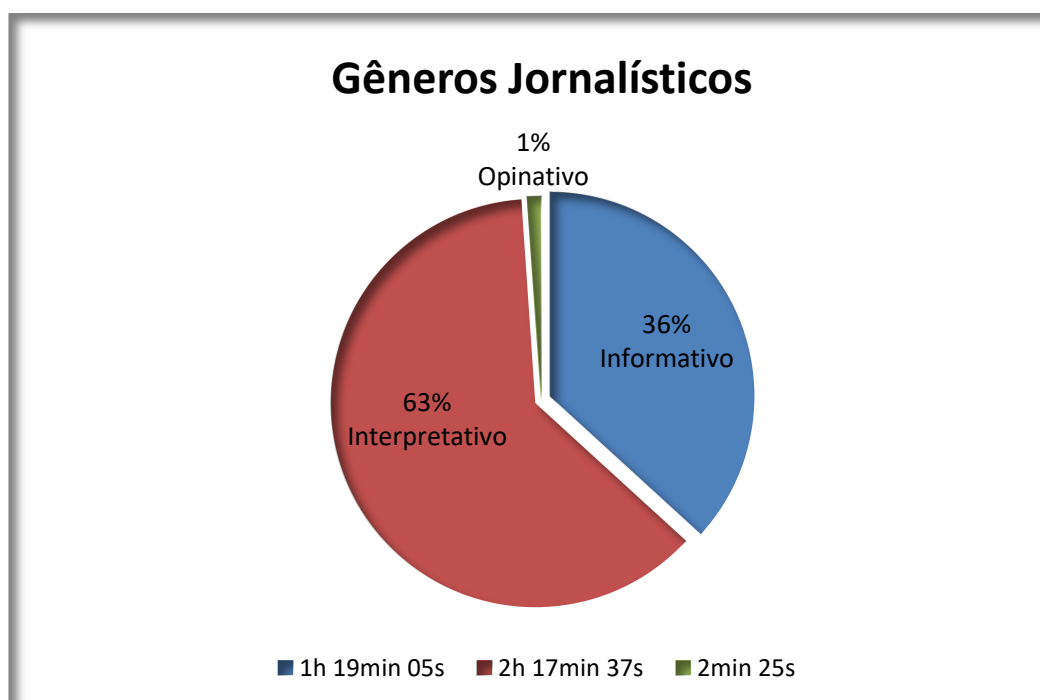
Fonte: Autora (2016)

Verifica-se que, em termos de quantidade, os formatos que representam o gênero informativo como nota simples, nota coberta, notícia e reportagem somam ao todo 53 matérias produzidas pelo Jornal da Cultura. O formato mais utilizado pelo jornal é a reportagem informativa, em contrapartida o formato pouco utilizado é nota simples.

Em seguida, temos o número de formatos apresentados no gênero opinativo. Nesse quesito, houve somente o número de uma crônica. Em relação ao gênero interpretativo, ao todo foram 32, caracterizadas pelas análises em estúdio feitas por convidados.

Embora em número de material, o gênero informativo predomine, em relação ao tempo de produção no ar, há mais espaço para o gênero interpretativo, somando 63% do total, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Gêneros Jornalísticos do Jornal da Cultura



Fonte: Autora (2016).

O quadro a seguir representa a quantidade de cada formato de acordo com o seu gênero, referente ao telejornal da edição 03/09/2016, apresentado no sábado.

Quadro 10- Contagem da edição apresentada no sábado no Jornal da Cultura

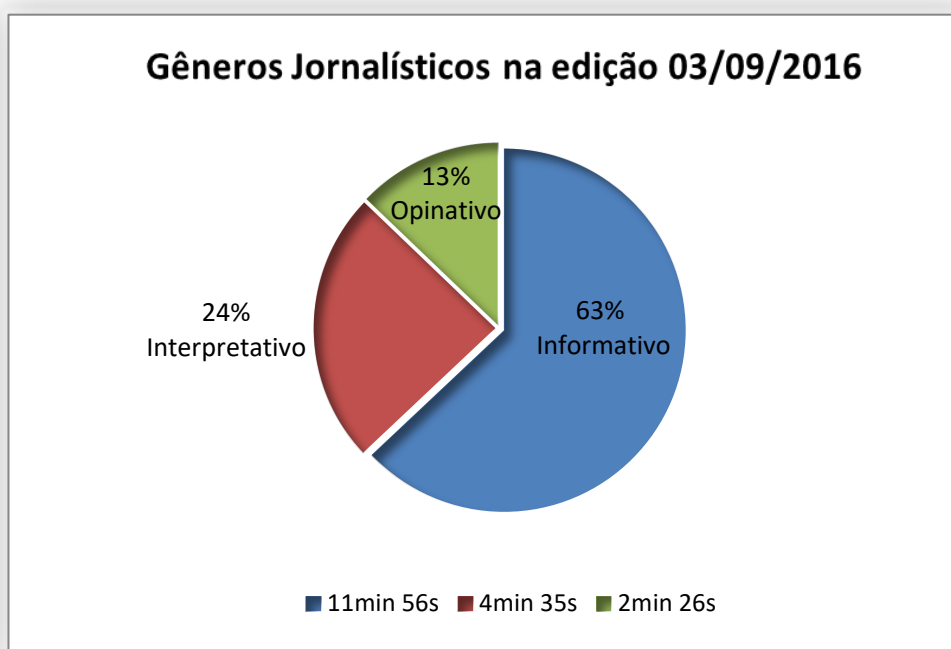
Gênero	Classificações	Frequência
Jornalismo Informativo	Nota coberta	2
	Notícia	2
	Reportagem	4
Jornalismo Interpretativo	Entrevista	1
Jornalismo Opinativo	Reportagem/crônica	1
Total:		10

Fonte: Autora (2016)

De acordo com a análise, o formato mais utilizado nesta edição foi a reportagem de cunho informativo. Já o formato pouco utilizado foi o formato “entrevista” do gênero interpretativo e a “reportagem/crônica” do gênero opinativo, que contabilizou apenas uma vez a apresentação no telejornal.

Pode-se constatar que o telejornal apresentado no sábado tem a característica mais informativa. O gráfico a seguir representa em porcentagem de tempo o gênero informativo, interpretativo e opinativo identificado na edição de sábado.

Gráfico 2 – Gêneros Jornalísticos na edição 03/09/2016



Fonte: Autora (2016)

Verificou-se que o gênero informativo prevalece na edição de sábado, representando 63% da apresentação do telejornal em comparação com o gênero opinativo, que obteve apenas 13% e o gênero interpretativo que corresponde com 24% do horário. Desta forma, constatou-se que a edição de sábado, por ter um tempo menor em sua duração, apresenta um formato mais informativo, sem o formato de debate no estúdio, mas com a presença do formato entrevista pertencente ao gênero interpretativo, devido ao gasto de tempo maior na

apresentação.

No próximo capítulo serão apresentadas as considerações finais deste trabalho de acordo com os objetivos estabelecidos para a realização deste estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização da análise, foi necessário primeiramente debruçar nos ensinamentos de gêneros jornalísticos no Brasil, estudados por Luiz Beltrão (1985) e Marques de Melo (2010) que divergem em alguns dos conceitos dos gêneros jornalísticos. Conforme o estudo, verificou-se que Beltrão (1985) considera o gênero interpretativo como autônomo, pois busca o aprofundamento dos fatos. Já Melo (2010) não o considera desse modo, mas esclarece que o formato interpretativo está presente no gênero informativo e alterna no opinativo.

Embora possuam uma vertente diferente, seus estudos concentram-se no jornalismo impresso. Com base na teoria desses dois autores, recorreu-se a Guilherme Jorge Rezende (2010) que também estudou os gêneros jornalísticos, porém aplicados ao telejornalismo.

De acordo com Rezende (2010), os gêneros que predominam no telejornalismo é o informativo e o opinativo. Porém, isso não se verificou no Jornal da Cultura, objeto desta monografia.

Sendo assim, buscando atingir o objetivo central da pesquisa, que era identificar quais são os gêneros e formatos jornalísticos mais utilizados no telejornal “Jornal da Cultura”, foi realizado uma Análise de Conteúdo e, de forma quantitativa, com a cronometragem do tempo dedicado a cada gênero, constatou-se que o interpretativo prevalece nesse telejornal nas edições selecionadas, correspondendo a 63% do horário da edição.

Por outro lado, em relação à quantidade de inserções, prevalece o gênero informativo que representou 36% da programação do telejornal, que aparece por meio de notas, notícias e reportagens. Em contrapartida o gênero pouco utilizado é o opinativo que apresentou somente uma reportagem do formato crônica. Observou-se que opinião vem dos especialistas que opinam sobre o assunto, e não o jornalista.

Verificou-se que o resultado da pesquisa contradiz o que afirmou Marcondes Filho (2000). Segundo ele, o informativo predomina nos telejornais, que se comparam a um modelo esportivo de noticiário, pois as informações são rápidas, isso, no caso da observação do autor, no que se refere a emissoras ditas comerciais. Já no que diz respeito às edições verificadas no Jornal da Cultura, cada assunto, além da informação factual, dada por notas ou reportagens, é discutido por uma média de seis minutos na análise em estúdio, demonstrando certo

aprofundamento.

Por meio da análise bibliográfica, percebe-se que há poucos estudos de gêneros jornalísticos aplicados no telejornalismo, sendo a maior parte dos conceitos aplicados ao meio impresso. Dessa forma, espera-se que, a partir deste estudo, possam ser realizadas novas pesquisas de gêneros jornalísticos relacionadas ao jornalismo de televisão. Além disso, surge a oportunidade de aprofundar novos estudos na abordagem da análise qualitativa referente ao discurso dos comentaristas, traçando outros objetivos específicos.

A realização deste trabalho almeja contribuir também para o conhecimento dos futuros jornalistas, principalmente no momento da produção da reportagem. Espera-se que, a partir do maior conhecimento acerca dos diferentes gêneros jornalísticos e propostas trazidas por eles, possam produzir um conteúdo noticioso mais interpretativo e aprofundado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. **O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias**. Rio de Janeiro, v.7, n.13, jul-dez, 2006, p. 73 a 84. Disponível em: <http://revistaalceu.com.pucRio.br/media/alceu_n13_Aguiar.pdf>14/06/2016.

BARBEIRO, H.; LIMA, P.R. **Manual de Telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002, 235 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 223 p.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina – ARI, 1980, 122 p.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina – ARI, 1980, 118 p.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005, 141 p.

CARVALHO, Alexandre; et al. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010, 142 p.

COSTA, L. A, et all. Gênero Interpretativo. In: MELO, José Marques de, ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo, Metodista, 2010. p. 109-123.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo: Redação Captação e Edição no Jornal Diário**. 5.ed. Ática, 2008, 251 p.

FILHO, Ciro Marcondes. **Comunicação e Jornalismo: A Saga dos cães perdidos**. 2.ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002, 162 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/Como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 30/05/2016.

KINDERMANN, Conceição Aparecida. **O Estudo dos Gêneros do Jornal: O caso da Reportagem**. Disponível em <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31195750/047.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1478133461&Signature=fo3GVCrb4XT%2Bta6Y05zxwAXNpE8%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DO_estudo_dos_generos_do_jornal_o_caso_da.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2016.

LEAL, Volponi Plínio Marcos. **Jornalismo Político Brasileiro e a Análise do Enquadramento do noticioso**. Disponível em <

http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/1739850/8q6a7xxfy8obfk9.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1478035777&Signature=HHVqDtyyVX5WC74TkVHWPylmHCK%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DJornalismo_Politico_Brasileiro_e_a_Anali.pdf
>. Acesso em: 01 nov. 2016.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros Jornalísticos: Repensando a questão. **Revista Symposium**. Pernambuco, v. 5, n. 1, janeiro-junho 2001, p. 55. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em 31/05/2016.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2.ed.São Paulo: Contexto, 2008. 237 p.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: Um Perfil Editorial**. 2.ed.São Paulo: Summus, 2000, 278 p.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Gêneros no Telejornalismo. In: MELO, José Marques de, ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo, Metodista, 2010. p. 291-313.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. **Crônica jornalística: um espelho para a história do cotidiano?** Disponível em <http://www.fag.edu.br/adverbio/v5/artigos/cronica_jornalística.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2016.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação**. LabCom Books, 2009. Disponível em: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110818-seixas_classificacao_2009.pdf. Acesso em 09/06/2016.

SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004, 184 p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005, 224 p.

TV CULTURA. **Jornalismo/ Jornal da Cultura**. Disponível em: <<http://tvcultura.com.br/programas/jornaldacultura/>>. Acesso em: 30/11/2016.

TV CULTURA. **Jornal da Cultura/ 25/07/2016** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UFuHPgk6UZI>>. Acesso em: 11/11/2016.

TV CULTURA. **Jornal da Cultura/ 02/08/2016** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BpnlxLiotsk>>. Acesso em: 11/11/2016.

TV CULTURA. **Jornal da Cultura/ 10/08/2016** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u5fPgVAyvGk>>. Acesso em: 11/11/2016.

TV CULTURA. **Jornal da Cultura/ 18/08/2016** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wRpJCT5gCkU>>. Acesso em: 11/11/2016.

TV CULTURA. **Jornal da Cultura/ 26/08/2016** Disponível em: <

<https://www.youtube.com/watch?v=OKFK8g4GDOK>>. Acesso em: 11/11/2016.

TV CULTURA. **Jornal da Cultura/ 03/09/2016** Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=sDZh8CtpHrc>>. Acesso em: 11/11/2016.

WATTS, Harris. **On Camera: O curso de produção de filme e vídeo da BBC**. São Paulo: Summus, 1990, 276 p.

ANEXOS

Prints do site da TV Educativa na aba de Jornalismo da TV da Cultura.

The screenshot shows the website interface for 'JORNAL DA CULTURA'. At the top, there is a navigation bar with 'PROGRAMAS', 'GRADE', 'ACONTECE', and 'AO VIVO'. A search bar is on the right. The main content area features the 'JORNALISMO' section with the 'JORNAL DA CULTURA' logo and a large image of a man in a suit. Text on the left indicates the broadcast schedule: 'Segunda a sábado, às 21h' and 'Horário Alternativo: Segunda a sexta, à 1h.' Below this, it says 'Os principais fatos do dia no Brasil e no mundo, sempre com a análise de especialistas.' and includes social media icons for Facebook and Twitter.

PLAYLISTS



JORNAL DA CULTURA



QUESTÃO DE CLASSE



LEANDRO KARNAL



ROBERTO DELMANTO



MARCO ANTONIO VILLA



LUIZ FELIPE PONDÉ

ACONTECE



15/10/2016
O que é ser professor para você?



10/05/2016
TV Cultura faz cobertura especial da votação do impeachment



AIRTON SOARES



LUIZ FLÁVIO GOMES



MARIO SERGIO CORTELLA



ARLENE CLEMESHA



EDUARDO MUYLART



FLÁVIA PIOVESAN



PAULO SALDIVA



ETHEVALDO SIQUEIRA



RICARDO SENNES



JOSÉ ALVARO MOISÉS